



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14655 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“EU SOU PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E É ÓBVIO QUE SOU UM DOS ÚNICOS PROFESSORES MAGROS DA ESCOLA”: PROFISSÃO, GORDURA E GÊNERO

Marcelo Victor da Rosa - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

“EU SOU PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E É ÓBVIO QUE SOU UM DOS ÚNICOS PROFESSORES MAGROS DA ESCOLA”: PROFISSÃO, GORDURA E GÊNERO

O humorista Diogo Almeida vem ganhando uma visibilidade e sucesso nas redes sociais e em seus *shows* de *stand-up* por focalizar piadas entorno da educação escolarizada e principalmente da figura do/a professor/a. Com isso, seu público é formado principalmente por profissionais ligados a educação, o que potencializa os saberes ali produzidos quando se pensa na constituição do ser professor/a e dos saberes pedagógicos para além do âmbito escolar/acadêmico.

No dia 12 de março de 2024, em sua conta no Instagram foi publicado um vídeo intitulado “Eu sou professor de Educação Física e é obvio”, onde Diogo performatiza alguns estereótipos que giram entorno do/a ser professor/a de Educação Física. Esse vídeo de 1 minuto e 07 segundos possui 2.700.000 visualizações, 133.470 curtidas, 55.800 compartilhamentos e 5.338 comentários (até 14/04/24). Diogo veste uma camiseta, um moletom e uma jaqueta de tactel todos na cor cinza, e usa um boné vermelho. Dentre os estereótipos ali apresentados um me chamou a atenção: “Eu sou professor de educação física e é obvio que sou um dos únicos professores magros da escola”. Ao falar essa frase, ele tira a jaqueta, mostra seu corpo e performatiza a masculinidade heterossexual (Brito 2023).

Diante do expressivo engajamento do referido vídeo e da repercussão da frase acima citada a partir dos comentários, tenho por objetivo analisar a produção discursiva da gordura na constituição do ser professor/a de Educação Física. Destaco que nesse texto apresento os resultados acerca do discurso da gordura, porém, os outros discursos produzidos no vídeo serão analisados posteriormente.

Em termos metodológicos, analisei os 83 comentários que se referiram especificamente a frase selecionada. Esses comentários foram printados e após uma leitura atenta, analisei a partir da articulação de três marcadores sociais da diferença: biotipo corporal, profissão e gênero. Gênero aqui é compreendido como ato performativo que se constitui de acordo com as atribuições corporais que o sujeito teatraliza nas falas, movimentos, gestos corporais, por meio da repetição.

Embasado em Piscitelli (2008) entendo os marcadores sociais da diferença como categorias que quando articuladas permitem uma leitura mais complexa tanto das desigualdades e opressões como dos processos de agência e resistência provenientes das múltiplas experiências de lidar com as diferenças.

O primeiro comentário que disparou uma série de outros comentários e teve 863 curtidas foi de um usuário que escreveu: “Sou professor de educação física e não estou magro! KKKKKKKK”.

Interessante observar o uso do verbo estar e não ser (como usado pelo humorista). Ao usar o verbo ser “sou” acrescido do adjetivo “óbvio”, o título da postagem reforça uma concepção fixa, essencializada e determinista da identidade. Essa concepção é reforçada por uma usuária que comenta: “Eu não sou professora de Educação Física, mas sou testemunha que tudo isso é verdade”, ao mencionar o discurso de verdade, a usuária limita a possibilidade do contraditório, da incerteza.

Contudo, a partir da ideia de jogos de poder e jogos de verdade (Foucault, 1995) entendo que os discursos estão em constante embate e (des)construção, e, a verdade no singular frequentemente chancelada pela ciência, compõe um campo de batalhas/jogos, na qual, as ciências (agora no plural) questionam a produção de um saber imerso em relações de poder.

Já o uso do verbo estar “estou”, remete uma ideia transitória, delimitada e datada em um contexto espaço-temporal, desta forma, a identidade é concebida de forma flexível, processual e construída. Essas duas leituras acerca da identidade podem ser melhor compreendidas em Moresco e Ribeiro (2015).

Outro ponto importante, é uma certa contradição entre o choro e o riso, entretanto é necessário considerar o contexto risível da narrativa do usuário e do vídeo, para poder compreendê-lo como parte de um currículo cultural (Silva, 2013) que forma o biotipo do/a professor/a de Educação Física, que por um lado, se coloca como magro (humorista) e por

outro, como não magro (usuário).

Sabe-se que a piada e o risível carregam consigo múltiplos sentidos e significados que expressam diferentes saberes e relações de poder (Duque, 2018, 2019). Início as análises pelos comentários que resultam em preconceitos e discriminações.

“Existe professor de educação física magro?”

“Vergonha da profisson! 😂”

“Não sou professora de educação física, mas ri com respeito do seu comentário”

“KKKKKKK e vc é homem. E minhas crianças que perguntam se to grávida.”

“bora deixar o celular e treinar! 😂😂😂😂😂😂”

“Se eu falar o que penso eu ganho um cancelamento forte KKKKK”

A cobrança de termos um corpo padrão, ou no entendimento de Prado Filho e Trisotto (2008) expressa uma corpolatria, que não atravessa unicamente a profissão de professor/a de Educação Física, mas atinge em forte esse público, uma vez que se pensa de forma determinista que os conhecimentos adquiridos na formação de Educação Física seriam suficientes para que esses/as profissionais estejam no padrão corporal, que para o homem não seria apenas ser magro, mas sim forte/sarado.

Para a mulher, além de magra, ela deve ser definida/gostosa, e isso se complica com o processo de gravidez, no qual o corpo das mulheres passa por uma série de transformações que geralmente afastam da imagem de uma mulher magra e gostosa. Entretanto, a Educação Física disponibiliza práticas direcionadas às grávidas, tais como as atividades aquáticas, que vendem a ideia de se manter o corpo saudável, atraente e não risível, porém:

A prática dos exercícios com a finalidade de alcançar uma determinada estética corporal, que especialmente nos homens representa o aumento da massa muscular e nas mulheres a redução exagerada do percentual de gordura pode resultar em aumento do capital social. Contudo, tem como consequências, também, a reafirmação de um padrão corporal de difícil aquisição (Palma, 2020, p. 11).

Desta forma, é nesse contexto que se justifica o uso do enunciado de “vergonha”, afinal os/as professores/as de Educação Física gordos/as escapam ao que é esperado. Tais discursos, nem sempre são expressos de forma direta como o fez uma das usuárias. Uma estratégia de poder é a sutilidade do uso do enunciado respeito.

Para César (2013), o respeito não rompe com as oposições binárias e hierárquicas,

uma vez que se estabelece a partir da ideia que alguém dá e o outro recebe o respeito, sendo o primeiro o sujeito da norma e o segundo o sujeito fora da norma e justamente por isso, tem que ser respeitado em sua diferença, contudo, a distância entre ambos permanece hierarquicamente intacta, e o outro é apenas tolerado.

Destaco também o enunciado de cancelamento, pois essa foi a preocupação de um dos usuários ao não expressar sua opinião, justamente por receio de ser cancelado. O cancelamento, para Pelúcio e Duque (2020), é empregado em sentido figurado, que presume a superioridade moral sobre o outro, e desta forma cria uma atmosfera na qual se desautoriza/deslegitima o outro.

Até aqui apresentei os discursos risíveis que, embasados em estratégias ora sutis ora diretas, expressaram preconceitos e discriminações. Mas, como bem diz Foucault (1988), onde há poder há resistência – e esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Os comentários também são compostos por linhas de fuga, processos de resistência frente ao enunciado da magreza, reforçando a concepção ampliada de piada e do risível.

“KKKK também sou professora de Ed Física e não sou magra!!!! Nem por isso deixo de ser uma boa profissional!!!!”

“vergonha pq?”

Aqui se observa um embate direto aos comentários anteriormente descritos. Tanto a vergonha como o colocar em xeque a atuação dos/as professores/as gordos são questionados, uma vez, que não são acionados como fixos e verdadeiros.

Nem todo magro é saudável,. educação física não é apenas para corpos perfeitos, educação física gera saúde e não necessariamente precisa ser magro, claro não é para romantizar a obesidade, nem sempre alguém é gordo por desleixo ou pq não treina, fatores como problemas de saúde existe e são mtos, Quando se aprende educação física a gente entende isso, não se deve julgar a gordura alheia e sim orientar para que possa haver uma melhora! Em fim não podemos achar q é apenas falta de treino! (Usuária).

A potência dessa narrativa, está justamente na concepção ampliada de saúde, pois como pontua Palma (2020), saúde não pode ser reduzida a uma ideia simplista de ausência de doença. Além disso, o autor considera essencial entender o contexto social ao qual a pessoa/comunidade pertence, e desta forma, devemos considerar os marcadores sociais da diferença e outros temas como acesso aos serviços de saúde, meio ambiente, violência, moradia, alimentação, para olharmos as relações de saúde em diferentes corpos, profissões e identidades de gênero.

Pensar a construção do binarismo gordura/magreza atrelado à profissão de professor/a de Educação Física a partir das piadas humorísticas de Diogo Almeida pode favorecer a compreensão do processo de constituição identitária dos/as mesmos/as. Nesse sentido, a articulação dos marcadores sociais da diferença possibilita uma leitura mais aprofundada da complexidade de tal objeto.

Palavras-chave: Diogo Almeida. Piada. Educação Física. Gordura. Gênero.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. 21ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2021.

BRITO, Leandro Teofilo de. “Eles aceitam esses gays todos pra um dia fazer uma sessão de cura com todo mundo”: afetações da religião em uma pesquisa sobre masculinidades. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Salvador, v. 9, n. 3, p. 143-166, 2023.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André; SIERRA, Jamil Cabral. Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola: capturas e resistências. **Educação**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, maio/ago., p. 192-200, 2013.

DUQUE, Tiago. Ninguém nasce Inês Brasil, torna-se Inês Brasil: artefato cultural, pânico moral e “ideologia de gênero” em Campo Grande (MS). **Momento - Diálogos em Educação**. Rio Grande, v. 28, n. 3, p. 227-247, 2018.

DUQUE, Tiago. Quem ainda ri da bicha preta, efeminada e pobre? Funk, (re)conhecimento e direitos LGBT em tempos de pânico moral. **ETD: Educação Temática Digital**. Campinas, v. 21, n. 4, p. 889-907, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

MORESCO, Marcielly Cristina; RIBEIRO, Regiane. O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino-americanos: um resgate teórico. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. Santa Maria, v. 14, n. 27, p. 168-183, 2015.

PALMA, Alexandre. Saúde na Educação Física Escolar: diálogos e possibilidades a partir do conceito ampliado de saúde. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 5, p. 5-15, 2020.

PELÚCIO, Larissa; DUQUE, Tiago. “Cancelando” o cuier. **Contemporânea – Dossiê Queer caboclo**. São Carlos, v. 10, n. 01, jan./abr., p. 125-151, 2020.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul., 2008.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan./mar, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.